

## Arqueologia, Etnoarqueologia e História Indígena – um estudo sobre a trajetória de ocupação indígena em territórios do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul: a terra indígena Kayabi e a aldeia Lalima

*Fabiola Andréa Silva\**

*Eduardo Bespalez\*\**

*Francisco Forte Stuchi\*\**

*Frederic Caïres Pouget\*\**

No Brasil, vários autores têm conduzido suas pesquisas arqueológicas no sentido de contribuir para o entendimento das trajetórias históricas e dos processos de continuidade e mudança cultural vividos pelas populações indígenas arqueológicas, históricas e atuais (p.ex. Brochado 1984; Eremites Oliveira 1996; Heckenberger 2005; Neves 1998 e 1999; Noelli 1993 e 1999; Wüst 1993). A nossa pesquisa tem este mesmo objetivo, visando contribuir no entendimento das trajetórias históricas e culturais das diferentes populações que ocuparam e ocupam os territórios onde hoje estão a Aldeia Lalima/MS e a T.I. Kaiabi/MT. Esta proposta de pesquisa foi concebida a partir do pressuposto de que a Arqueologia pode contribuir para o entendimento da “história de longa duração” de diferentes populações (Hodder 1996:1-8; 2003:125-155).

Alguns aspectos desta trajetória histórica, especialmente no que se refere ao contato que estas populações indígenas tiveram com conquistadores e colonizadores de origem ibérica, podem ser estudados a partir dos diversos sítios históricos existentes tanto no Mato Grosso quanto no Mato Grosso do Sul. Um exemplo é a cidade espanhola de Santiago de Xerez, em estudo por Martins (2002), cujas

ruínas localizam-se no baixo curso da margem direita do rio Aquidauana, na cidade homônima, no Mato Grosso do Sul. Cabe lembrar que Mato Grosso e Mato Grosso do Sul estão situados em regiões que foram disputadas entre as coroas portuguesas e espanholas e, por isso, foram palco de expedições, cidades coloniais, missões religiosas, assaltos bandeirantes, monções, minas de ouro e diamantes, fortificações e conflitos como a Guerra do Paraguai. Em parte, testemunhos destes acontecimentos podem ser vistos em cidades históricas como Corumbá e Miranda, no Mato Grosso do Sul, assim como Vila Bela, Cuiabá e Cáceres, no Mato Grosso.

Desafortunadamente, nem sempre o papel desempenhado pelos povos indígenas nestes acontecimentos tem sido apresentado de forma consistente, haja vista que o índio geralmente entra em cena como um mero figurante nesta história de conquistas, sendo que essa situação não se restringe às regiões mencionadas acima, mas se estende por todas as regiões do Brasil. No entanto, sabemos que resistir até o presente diante das epidemias e das atrocidades cometidas pelos europeus e, ao mesmo tempo, garantir o seu modo de vida e a manutenção de seus territórios exigiu um grande esforço por parte das populações indígenas que nada têm a ver com a passividade relatada em muitos livros de história. Além disso, muitos destes relatos apresentam estas populações de forma genérica, tirando delas a particularidade das suas identidades e histórias. Para Manuela Carneiro da Cunha (1998:20):

(\*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. faandrea@usp.br

(\*\*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Mestrandos em Arqueologia: eduardobespalez@yahoo.com.br; chicostuchi@ig.com.br; pouget@yahoo.com

“Ter uma identidade é ter uma memória própria. Por isso, a recuperação da própria história é um direito fundamental das sociedades”.

Desejamos contribuir para a recuperação destas histórias e os dados arqueológicos, históricos e etnográficos já existentes sobre os estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul indicam que os mesmos foram ocupados, desde o passado, por povos indígenas bastante diversos culturalmente. Cabe ressaltar, porém, que não se pretende usar estes dados para construir uma história essencialista destas etnicidades, pois nós conhecemos e concordamos com as críticas que foram feitas a este tipo de construção interpretativa do passado (Jones 1996). O que queremos é tentar vislumbrar os processos de continuidades, mudanças e rupturas nas trajetórias destas populações e a dialética entre passado e presente, para isso considerando as interpretações indígenas sobre este processo histórico e cultural como vem sendo feito em outros contextos (p.ex. Layton 1985, 1989; Eluyemi 1994; Sutton 2005; Endere 2005). Sabemos que diversas identidades e histórias se sucederam e até mesmo co-existiram nestes territórios e é o conhecimento deste palimpsesto de ocupações, abandonos e re-ocupações territoriais que estamos procurando alcançar.

A idéia de palimpsesto na Arqueologia pressupõe justamente uma diversidade e dinâmica de ocupação nos assentamentos. Ou seja, que um mesmo local ou sítio arqueológico pode ter sido ocupado diversas vezes por sociedades culturalmente diferenciadas através do tempo, ou ainda, de diversas maneiras diferentes pela mesma sociedade durante um determinado período, sendo que ambas as possibilidades podem resultar em conjuntos de materiais arqueológicos diversos e dispostos espacialmente de modo muito complexo (Binford 1980, 1981, 1983; Kent 1987; Panja 2003). A variabilidade dos conjuntos de materiais arqueológicos e sua disposição espacial, portanto, está relacionada com as atividades levadas a cabo nestes locais, revelando a disposição das áreas de atividade, a funcionalidade dos locais e assentamentos e, ao mesmo tempo, a dinâmica dos processos de deposição dos materiais (Schiffer 1972).

Recentemente, alguns autores têm encarado não somente os sítios enquanto palimpsestos, mas também as paisagens naturais que passam a ser adjetivadas como contingentes (Barton *et al.* 2004), sociais, culturais e sagradas (Zedeño 1997; Whitridge 2004; Stewart *et al.* 2004; Carroll *et al.* 2004).

Entender esta dinâmica de ocupações e re-ocupações dos sítios arqueológicos e das paisagens implica em entender também as estratégias de abandono dos mesmos. Alguns estudos têm sido produzidos neste sentido não apenas para explicar os comportamentos de abandono em relação aos materiais que foram deixados nos sítios arqueológicos, mas também em relação aos processos de re-assentamento e migração.

Atualmente, as pesquisas sobre a noção de abandono são orientadas de acordo com as seguintes perspectivas: 1) o abandono é um processo, não um mero evento, cujo movimento pode começar a ser preparado logística e até mesmo ritualisticamente muito antes de se efetivar, sendo que suas conseqüências podem perdurar por muitos anos depois de concluído, uma vez que os grupos mobilizados defrontam-se com uma série de obstáculos culturais e naturais que devem ser enfrentados e superados (Tomka 1993); 2) as causas dos processos de abandono variam de acordo com as escalas em que são estudadas, sendo que quando observado em amplitudes regionais, o abandono pode ser resultante de pressões ambientais, como grandes secas e culturais, a exemplo de guerras e/ou epidemias, enquanto nos contextos inter e intra sítio, pode ser ocasionado pelos próprios padrões culturais de uso do solo de uma determinada sociedade (Panja 2003); 3) o abandono pode ocorrer de várias maneiras, podendo ser caracterizado como temporário ou sazonal, episódico, permanente, residencial ou não, rápido, gradual e de longa ou curta distância (Tomka 1993), planejado ou não planejado (Brooks 1993; Joyce e Johannessen 1993), sendo o último tipo o que mais se aproxima do grau de integridade vislumbrado na “premissa de Pompéia” (Binford 1981); 4) os processos de abandono transformam o uso dos lugares,

pois se por um lado um local antes usado como espaço doméstico por um determinado grupo pode vir a se tornar, depois de abandonado, em uma área destinada às atividades de caça e coleta, por outro podem ocorrer transformações mais radicais nos padrões de uso do solo, sobretudo quando uma população é substituída ou assimilada por outra respectivamente por meio de processos de migração ou conquista (Nelson 2000).

O reconhecimento das implicações materiais das perspectivas esboçadas acima sobre o conceito de abandono permite que a arqueologia contribua na formulação de modelos explicativos sobre as seguintes questões: 1) a relação entre registros materiais e a continuidade e/ou ruptura da ocupação territorial das sociedades no passado, nas mais diversas paisagens; 2) sobre as conseqüências sócio-históricas dos processos de abandono – os quais podem desembocar tanto na formação de grandes comunidades, originadas por grupos diferentes, quanto no inverso; 3) sobre o reconhecimento da variabilidade comportamental dentro das sociedades, pois os processos de abandono e a natureza das relações sociais nas comunidades variam – uma vez que o abandono apresenta-se como um processo complexo, permeado por relações ecológicas, políticas, religiosas, etárias e de gênero, entre outras (Nelson 2000).

Tendo em vista os dados etnográficos, históricos e arqueológicos já existentes sobre a Aldeia Lalima e a T.I. Kaiabi, entendemos que as noções de abandono e migração apresentam-se como conceitos bastante oportunos ao estudo da trajetória de ocupação indígena destes territórios. Contudo, o modelo denominado de “história de formação territorial” (*history of territory formation*), concebido por M. N. Zedeño (1997) a partir do estudo etnoarqueológico da formação do território dos índios *pueblos* Hopi, do Arizona, e generalizado para o estudo de formação territorial de outros casos pré-coloniais, apresenta-se de modo igualmente apropriado. Zedeño (1997: 73) sustenta a noção de território enquanto objetos agregados – constituídos por terra, recursos naturais e objetos feitos pelo homem – reunidos historica-

mente através de processos dinâmicos de interação sócio-ambiental.

Com efeito, a essência do modelo de Zedeño é a de que a história da formação dos territórios passa pelas trajetórias sociais de estabelecimento, manutenção e transformação territorial. Para a autora, cada uma dessas trajetórias está associada a uma série de processos e atividades, as quais, por sua vez, apresentam um conjunto de correlatos materiais. Assim, o arqueólogo pode, teoricamente, reconstruir a história de vida de um território a partir da detecção dos correlatos materiais das atividades associadas aos processos contidos nas trajetórias de formação dos territórios. Obviamente, cada território apresenta uma trajetória histórica própria de formação, todavia, acreditamos que os princípios do modelo de história de formação territorial são suficientemente coerentes enquanto ponto de partida para o estudo das trajetórias específicas da Aldeia Lalima e da T.I. Kaiabi.

Cabe ressaltar que tentar entender a trajetória histórica de formação dos territórios torna-se crucial em contextos de pesquisa arqueológica em territórios indígenas, pois é este conhecimento que, muitas vezes, torna-se “o fundamento dos direitos territoriais indígenas e, particularmente, de garantia de suas terras” (Carneiro da Cunha 1998: 20). Em todo o mundo os arqueólogos vêm sendo chamados a se posicionar frente às questões relativas à definição de posse e delimitação das terras indígenas e preservação do patrimônio arqueológico encontrado nas mesmas. Além disso, o próprio conhecimento produzido pela Arqueologia vem sendo questionado pelas interpretações das populações nativas (p.ex. Anawak 1996; Parker 2005; Leclair 2005; Sutton 2005).

Neste sentido, pesquisas como esta que estamos realizando tornam-se cada vez mais necessárias e o diálogo entre a Arqueologia, a Etnologia e a História Indígena é imprescindível para um entendimento mais aprofundado e diversificado a respeito dessas populações que ocuparam e ocupam os nossos territórios e que se vêem, constantemente, ameaçadas em sua autodeterminação.



Fig. 1. Escavação do sítio Tapera do Urumbeva, Aldeia Lalima, MS (maio de 2007).

### Referências bibliográficas

- ANAWAK, J.  
1996 Inuit perceptions of the past. In: Preucel, R.W.; Hodder, I. (Orgs.) *Contemporary Archaeology in Theory (a reader)*. Cambridge, Blackwell Publ.: 646-651.
- BARTON, C.M.; BERNABEU, J.; AURA, J.E.; GARCIA, O.; SCHMICH, S.; MOLINA, L.  
2004 Long term socioecology and contingent landscapes. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 11 (3): 253-296.
- BINFORD, L.R.  
1980 Willow smoke and dog's tails: hunter-gatherer settlement systems and archaeological site formation. *American antiquity*. 45: 4-15.  
1981 Behavioral archaeology and the Pompeii premise. *Journal of archaeological resources*, 37: 195-208.  
1983 *Working at archaeology*. New York: Academic Press.
- BROCHADO, J.P.  
1984 *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America*. Ph. Thesis. Department of Anthropology. University of Illinois at Urbana-Champaign.
- BROOKS, R.L.  
1993 Household abandonment among sedentary Plains society: behavioral sequences and consequences in the interpretation of archaeological record. In: Cameron, C.M.; Tomka, S.A. (Eds.) *Abandonment of settlements and regions: ethnoarchaeological and archaeological approaches*. Cambridge: Cambridge University Press: 178-87.
- CARNEIRO DA CUNHA, M.  
1998 Introdução a uma história indígena. In: Carneiro da Cunha, M. (Org.) *História dos índios no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras/FAPESP/SMC-SP: 9-24.
- CARROLL, A.K.; ZEDENO, M.; STOFFLE, R.W.  
2004 Landscapes of the ghost dance: a cartography of numic ritual. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 11 (2): 127-156.

- ELUYEMI, O.  
1994 The archaeology of the Yoruba: problems and possibilities. In: Shennan, S.J. (Org.) *Archeological approaches to cultural identity*. London, Routledge: 207-209.
- ENDERE, M.L.  
2005 Talking about others: archaeologists, indigenous peoples and heritage in Argentina. *Public Archaeology*, 4 (2/3): 155-162.
- EREMITES DE OLIVEIRA, J.  
1996 *Guató – argonautas do Pantanal*. Porto Alegre: Edipuc/RS.
- HECKENBERGER, M.  
2005 *The ecology of power: culture, place, and personhood in the southern Amazon, AD 1000-2000*. New York: Routledge.
- HODDER, I.  
1987 *Archaeology as Long-Term History*. Cambridge: Cambridge University Press.
- JONES, S.  
1997 *The archeology of ethnicity*. London: Routledge.
- JOYCE, A.A.; JOHANNESSEN, S.  
1993 Abandonment and the production of archaeological variability at domestic sites. In: Cameron, C.M.; Tomka, S.A. (Eds.) *Abandonment of settlements and regions: ethnoarchaeological and archaeological approaches*. Cambridge: Cambridge University Press: 138-153.
- LAYTON, R.  
1985 The cultural context of hunter-gatherer rock art. *Man*, 20: 434-453.  
1989 *Who needs the past? (Indigenous values and archaeology)*. London: Routledge.
- LECLAIR, J.  
2005 Of grizzlies and landslides: the use of archaeological and antyhropological evidence in Canadian aboriginal rights cases. *Public Archaeology*, 4 (2/3): 109-119.
- MARTINS, G.  
2002 Santiago de Xerez: uma problemática para a arqueologia histórica. In: *História paraguaya*. Assunción: Academia Paraguaya de la Historia.
- NELSON, M.  
2000 Abandonment: conceptualization, representation, and social change. In: Schiffer, M. (Ed.) *Social theory in archaeology*. Salt Lake City: University of Utah Press.
- NEVES, E.G.  
1999 Changing perspectives in Amazonian archaeology. In: Politis, G.; Alberti, B. (Eds.) *Archaeology in Latin America*. London: Routledge: 216-43.
- 1998 *Paths in the dark waters: archaeology as indigenous history in the Upper Rio Negro Basin, northwest Amazon*. Phd. Thesis. Indiana University, Bloomington.
- NOELLI, F.S.  
1993 *Sem Tekohá não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicado a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS)*. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- 1999-2000 A ocupação humana na região Sul do Brasil: arqueologia, debate e perspectivas – 1872-2000. *Revista USP*, São Paulo, 44: 218-69.
- PANJA, S.  
2003 Mobility strategies and site structure: a case study of Inamgaon. *Journal of anthropological archaeology*, 22 (2): 105-25.
- PARKER, L.O.  
2005 Indigenous peoples's rights to their cultural heritage. *Public Archaeology*, 4 (2/3): 127-140.
- SCHIFFER, M.B.  
1972 Archaeological context and systemic context. *American antiquity*, 37 (2): 156-65.
- STEWART, A.M.; KEITH, D. SCOTTIE, J.  
2004 Caribou crossings and cultural meanings: placing traditional knowledge and archaeology in context in an Inuit landscape. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 11 (2): 183-212.
- SUTTON, P.  
2005 Social scientists and native title cases in Australia. *Public Archaeology*, 4 (2/3): 121-126.
- TOMKA, S.A.  
1993 Site abandonment behavior among transhumant agro-pastoralists: the effects of delayed curation on assemblage composition. In: Cameron, C.M.; Tomka, S.A. (Eds.) *Abandonment of settlements and regions: ethnoarchaeological and archaeological approaches*. Cambridge: Cambridge University Press: 11-24.
- WHITRIDGE, P.  
2004 Landscapes, houses, bodies, things: place and the archaeology of Inuit imaginaries. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 11 (2): 213-250.

Arqueologia, Etnoarqueologia e História Indígena - um estudo sobre a trajetória de ocupação indígena em territórios do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul: a terra indígena Kayabi e a aldeia Lalima. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 17: 509-514, 2007.

WÜST, I.

- 1993 *Continuidade e mudança: para interpretação dos grupos pré-coloniais na bacia do rio Vermelho, Mato Grosso*. Tese (Doutorando em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.

ZEDEÑO, M.I.

- 1997 Landscapes, land use, and the history of territory formation: an example from puebloan southwest. *Journal of archaeological method and theory*, 4 (1): 63-103.

*Recebido para publicação em 20 de dezembro de 2007.*